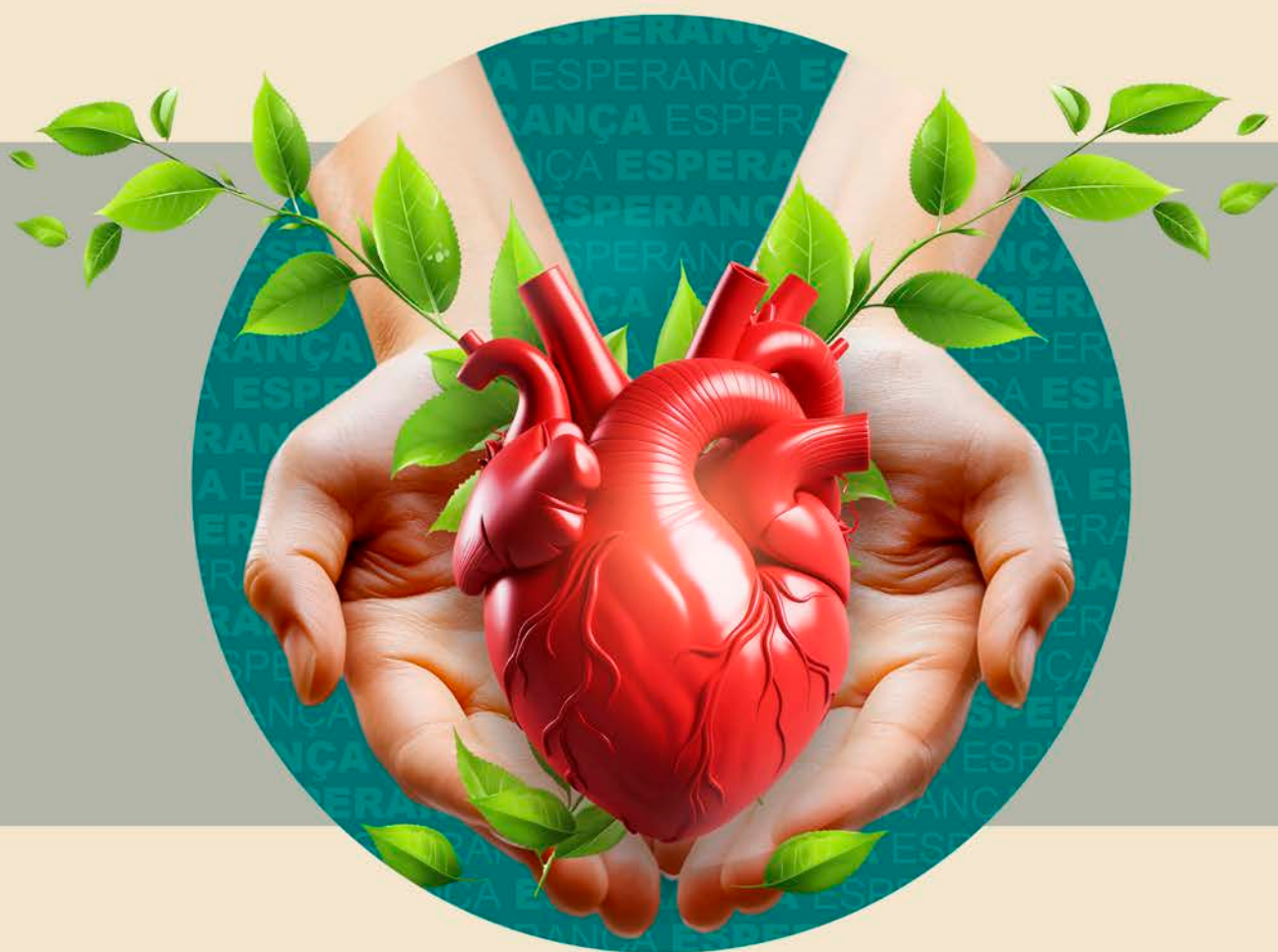


SUBSÍDIO PASTORAL PARA CELEBRAR O

59º DIA MUNDIAL DAS COMUNICAÇÕES SOCIAIS



Partilhai com **mansidão**
a **esperança** que está nos vossos corações
(cf. 1 Pd 3,15-16)

Sumário

APRESENTAÇÃO	4
MENSAGEM DO PAPA FRANCISCO 59º DIA MUNDIAL DAS COMUNICAÇÕES SOCIAIS	6
CHAVES DE LEITURA.....	10
1- TEXTO COMPLEMENTAR	13
2- TEXTO COMPLEMENTAR	20
3- TEXTO COMPLEMENTAR	23
RODAS DE CONVERSA.....	25
LEITURA ORANTE.....	31
ROTEIRO DE ADORAÇÃO AO SANTÍSSIMO SACRAMENTO	32
DICAS DE LEITURA	37
DICAS DE FILMES.....	42
PROPOSTAS LITÚRGICO - PASTORAIS PARA CELEBRAR O DMCS.....	45



EXPEDIENTE

Comissão Episcopal para Comunicação Social

Presidente: Dom Valdir José de Castro, ssp.

Bispos membros: Dom Amilton Manoel da Silva, cp
e Dom Edilson Soares Nobre

Assessores: Osnilda Lima e Pe. Tiago Síbula

Pastoral da Comunicação ©2024 - 2026

Coordenadora geral: Janaína Gonçalves

Vice-coordenador geral: Antônio Kayser

Secretário-geral: Alex Ferreira

Produção do Subsídio: GT Formação e GT Espiritualidade

Coordenadores do GT Formação: Cezar Barros e Natanael Leão

Membros do GT Formação: Ana Cristhina, Pe. Douglas Felipe,
Eduardo Shimitz, Elizângela Oliveira, Pe. George Luís, Herbeth
Acioli, Ir. Ivonete Kurten, Jefferson Zucão, Talita Salgado e
Pe. Tiago Barbosa.

Colaboraram com o subsídio: Neiva Paulucci e Vânia Penili
(Comunicação Diocese de Apucarana – PR)

Coordenador do GT Espiritualidade: Ruan Carlos

Colaboraram com o subsídio: Pe. Francisco Galvão e Pe. Jerffeson Adelino

Projeto Gráfico e Edição de Arte

Marcelo Godoy

Identidade Visual do 59º DMCS

Flávia Lúcia da Silva

Dúvidas? Fale conosco!

coordenador@pascombrasil.com.br

contato@pascombrasil.com.br

pascombrasil.org.br



pascombrasil_



pascom.brasil

APRESENTAÇÃO

O Jubileu da Esperança, proposto pelo Papa Francisco com o tema “Peregrinos de Esperança” é um tempo de graça proposto pela Igreja, que convida a humanidade a reconciliar-se com Deus e consigo mesma, reconhecendo o desconcertante amor do Pai que, como raio de luz, clareia e aquece as sombras profundas do nosso íntimo, muitas vezes frio e machucado.

Num gesto de ternura inigualável, nosso Deus, uno e trino, encarna-se na dura realidade humana para comunicar o amor por seus filhos e filhas, convidando-os a uma nova vida por meio de um modo de proceder marcado pela proximidade, acolhida e escuta, como nos indica o Diretório de Comunicação da Igreja no Brasil: “A imagem de Jesus é a imagem viva do amor de Deus e de seu jeito de relacionar-se com o ser humano, expresso nos gestos, nas emoções e nos comportamentos que caracterizam Jesus: o amor misericordioso e primoroso com os rejeitados, os pobres, os marginalizados, os sofredores, o que não é uma mera representação do amor de Deus, mas sua atualização.”

Neste jubileu, somos convidados a contemplar as feridas e traumas do mundo em que vivemos, assim como Jesus, nos permitindo sentir dor e inquietação pela comunicação agressiva, maliciosa e desonesta que viola a comunhão, a vida e dignidade humana. Neste caminho doloroso, tal como o de Emaús, Cristo Ressuscitado é companheiro na jornada para fazer-nos arder o coração com a luz da esperança. Como nos recorda o Cardeal Tolentino Mendonça, “é importante viver a alegria da ressurreição para podermos contagiar de esperança o mundo.”

Esperancemos, então! Nas comunidades, paróquias e dioceses a Pastoral da Comunicação é convidada a transbordar a graça de Deus que brota do coração e deseja ardentemente se expandir Brasil afora, desarmando o medo, as fake news, os fanatismos, os preconceitos e a agressividade. Se o querido Papa Francisco nos diz que a esperança é um projeto comunitário, não nos esqueçamos de peregrinar juntos esse caminho missionário.

Este subsídio celebrativo ao 59º Dia Mundial das Comunicações Sociais foi preparado com ternura pela Pascom Brasil para oferecer um rico aprofundamento ao tema deste ano, que nos inspira a partilhar a esperança do coração. Uma mensagem nobre, sobretudo neste tempo pascal e considerando os desafios que vivenciamos.

Este material foi produzido de forma a permitir reflexões e práticas sobre os vários aspectos em torno do tema, contendo a mensagem do Papa Francisco, chaves de leitura, textos complementares, roteiros de roda de conversa e espiritualidade, dicas de livros, filmes e pistas litúrgico-pastorais para celebrar com profundidade o Dia Mundial das Comunicações Sociais 2025.

No intuito de auxiliar as equipes da Pascom a alcançarem o seu *magis* (significa “mais ou maior”, um modo de vida de quem vive e serve em tudo para a maior glória de Deus), nossa expectativa é de que este material ajude a revigorar as práticas pastorais à luz do evangelho, não nos deixando esquecer o dom da esperança testemunhado por Jesus.

Agradecemos a cada membro do GT Formação, Espiritualidade e Produção da Pascom Brasil pelo zelo e compromisso com a elaboração deste subsídio e desejamos que a experiência de oração e pesquisa os tenha ajudado a melhor amar e servir ao Reino.

A todos e todas, um excelente uso deste rico material!



MENSAGEM DO PAPA FRANCISCO

59º DIA MUNDIAL DAS COMUNICAÇÕES SOCIAIS

**Partilhai com mansidão a esperança que está nos vossos corações
(cf. 1 Pd 3,15-16)**

Queridos irmãos e irmãs!

Neste nosso tempo marcado pela desinformação e pela polarização, no qual alguns centros de poder controlam uma grande massa de dados e de informações sem precedentes, dirijo-me a vós consciente do quanto, hoje mais do que nunca, é necessário o vosso trabalho de jornalistas e comunicadores. Precisamos do vosso compromisso corajoso em colocar no centro da comunicação a responsabilidade pessoal e coletiva para com o próximo.

Ao pensar no Jubileu que estamos a celebrar como um período de graça em tempos tão conturbados, com esta Mensagem gostaria de vos convidar a ser comunicadores de esperança, começando pela renovação do vosso trabalho e missão segundo o espírito do Evangelho.

Desarmar a comunicação

6

Hoje em dia, com demasiada frequência, a comunicação não gera esperança, mas sim medo e desespero, preconceitos e rancores, fanatismo e até ódio. Muitas vezes, simplifica a realidade para suscitar reações instintivas; usa a palavra como uma espada; recorre mesmo a informações falsas ou habilmente distorcidas para enviar mensagens destinadas a exaltar os ânimos, a provocar e a ferir. Já várias vezes insisti na necessidade de “desarmar” a comunicação, de a purificar da agressividade. Nunca dá bom resultado reduzir a realidade a slogans. Desde os *talk shows* televisivos até às guerras verbais nas redes sociais, todos constatamos o risco de prevalecer o paradigma da competição, da contraposição, da vontade de dominar e possuir, da manipulação da opinião pública.

Há ainda um outro fenómeno preocupante: poderíamos designá-lo como a “dispersão programada da atenção” através de sistemas digitais que, ao traçarem o nosso perfil de acordo com as lógicas do mercado, alteram a nossa percepção da realidade. Acontece, portanto, que assistimos, muitas vezes impotentes, a uma espécie de atomização dos interesses, o que acaba por minar os fundamentos do nosso ser comunidade, a capacidade de trabalhar em conjunto por um bem comum, de nos ouvirmos uns aos outros, de compreendermos as razões do outro. Parece que, para a afirmação de si próprio, seja indispensável identificar um “inimigo” a quem atacar verbalmente. E quando o outro se torna um “inimigo”, quando o seu rosto e a sua dignidade são obscurecidos de modo a escarnecê-lo e ridicularizá-lo, perde-se igualmente a possibilidade de gerar esperança. Como nos ensinou D. Tonino Bello, todos os conflitos «encontram a sua raiz no desvanecer dos rostos» [1]. Não podemos render-nos a esta lógica.

Na verdade, ter esperança não é de todo fácil. Georges Bernanos dizia que «só têm esperança aqueles que ousaram desesperar das ilusões e mentiras nas quais encontravam segurança e que falsamente confundiam com esperança. [...] A esperança é um risco que é preciso correr. É o risco dos riscos» [2]. A esperança é uma virtude escondida, pertinaz e paciente. No entanto, para os cristãos, a esperança não é uma escolha, mas uma condição imprescindível. Como recordava Bento XVI na Encíclica *Spe salvi*, a esperança não é um otimismo passivo, antes pelo contrário, é uma virtude “performativa”, capaz de mudar a vida: «Quem tem esperança, vive diversamente; foi-lhe dada uma vida nova» (n. 2).

Dar com mansidão a razão da nossa esperança

Na Primeira Carta de São Pedro (cf. 3, 15-16), encontramos uma síntese admirável na qual se relacionam a esperança com o testemunho e a comunicação cristã: «no íntimo do vosso coração, confessai Cristo como Senhor, sempre dispostos a dar a razão da vossa esperança a todo aquele que vo-la peça; com mansidão e respeito». Gostaria de me deter em três mensagens que podemos extrair destas palavras.

«No íntimo do vosso coração, confessai Cristo como Senhor». A esperança dos cristãos tem um rosto: o rosto do Senhor ressuscitado. A sua promessa de estar sempre conosco através do dom do Espírito Santo permite-nos esperar contra toda a esperança e ver, mesmo quando tudo parece perdido, as escondidas migalhas de bem.

A segunda mensagem pede-nos para estarmos dispostos a dar razão da nossa esperança. É interessante notar que o Apóstolo convida a dar conta da esperança «a todo aquele que vo-la peça». Os cristãos não são, antes de mais, aqueles que “falam” de Deus, mas aqueles que fazem ressoar a beleza do seu amor, uma maneira nova de viver cada pequena coisa. É o amor vivido que suscita a pergunta e exige uma resposta: porque é que viveis assim? Porque é que sois assim?

Por fim, na expressão de São Pedro encontramos uma terceira mensagem: a resposta a este pedido deve ser dada “com mansidão e respeito”. A comunicação dos cristãos – e eu diria até a comunicação em geral – deve ser feita com mansidão, com proximidade: eis o estilo dos companheiros de viagem, na pegada do maior Comunicador de todos os tempos, Jesus de Nazaré, que ao longo do caminho dialogava com os dois discípulos de Emaús, fazendo-lhes arder os corações através do modo como interpretava os acontecimentos à luz das Escrituras.

Por isso, sonho com uma comunicação que saiba fazer de nós companheiros de viagem de tantos irmãos e irmãs nossos para, em tempos tão conturbados, reacender neles a esperança. Uma comunicação que seja capaz de falar ao coração, de suscitar não reações impetuosas de fechamento e raiva, mas atitudes de abertura e amizade; capaz de apostar na beleza e na esperança mesmo nas situações aparentemente mais desesperadas; de gerar empenho, empatia, interesse pelos outros. Uma comunicação que nos ajude a «reconhecer a dignidade de cada ser humano e a cuidar juntos da nossa casa comum» (Carta enc. *Dilexit* nos, 217).

Sonho com uma comunicação que não venda ilusões ou medos, mas seja capaz de dar razões para ter esperança. Martin Luther King disse: «Se eu puder ajudar alguém enquanto caminho, se eu puder alegrar alguém com uma palavra ou uma canção... então a minha vida não terá sido vivida em vão» [3]. Para isso, precisamos de nos curar da “doença” do protagonismo e da autorreferencialidade, evitar o risco de falarmos de nós mesmos: o bom comunicador faz com que quem ouve, lê ou vê se torne participante, esteja próximo, possa encontrar o melhor de si e entrar com estas atitudes nas histórias contadas. Comunicar deste modo ajuda a tornarmo-nos “peregrinos de esperança”, como diz o lema do Jubileu.

Esperar juntos

A esperança é sempre um projeto comunitário. Pensemos, por um momento, na grandeza da mensagem deste ano de graça: estamos todos – realmente todos! – convidados a recomeçar, a deixar que Deus nos reerga, nos abrace e inunde de misericórdia. E entrelaçadas com tudo isto estão a dimensão pessoal e a dimensão comunitária. É em conjunto que nos pomos a caminho, peregrinamos com tantos irmãos e irmãs, e, juntos, atravessamos a Porta Santa.

O Jubileu tem muitas implicações sociais. Pensemos, por exemplo, na mensagem de misericórdia e esperança para quem vive nas prisões, ou no apelo à proximidade e à ternura para com os que sofrem e estão à margem. O Jubileu recorda-nos que todos os que se tornam construtores da paz «serão chamados filhos de Deus» (Mt 5, 9). E, deste modo, abre-nos à esperança, aponta-nos a necessidade de uma comunicação atenta, amável, refletida, capaz de indicar caminhos de diálogo. Encorajo-vos, portanto, a descobrir e a contar tantas histórias de bem escondidas por detrás das notícias; a imitar aqueles exploradores de ouro que, incansavelmente, peneiram a areia em busca duma pequeníssima pepita. É importante encontrar estas sementes de esperança e dá-las a conhecer. Ajuda o mundo a ser um pouco menos surdo ao grito dos últimos, um pouco menos indiferente, um pouco menos fechado. Que saibais sempre encontrar as centelhas de bem que nos permitem ter esperança. Este tipo de comunicação pode ajudar a tecer a comunhão, a fazer-nos sentir menos sós, a redescobrir a importância de caminhar juntos.

Não esqueçais o coração

Queridos irmãos e irmãs, perante as vertiginosas conquistas da técnica, convidovos a cuidar do coração, ou seja, da vossa vida interior. O que é que isto significa? Deixo-vos algumas pistas.

Sede mansos e nunca esqueçais o rosto do outro; falai ao coração das mulheres e dos homens ao serviço de quem desempenhais o vosso trabalho.

Não permitais que as reações instintivas guiem a vossa comunicação. Semeai sempre esperança, mesmo quando é difícil, quando custa, quando parece não dar frutos.

Procurai praticar uma comunicação que saiba curar as feridas da nossa humanidade.

Dai espaço à confiança do coração que, como uma flor frágil mas resistente, não sucumbe no meio das intempéries da vida, mas brota e cresce nos lugares mais inesperados: na esperança das mães que rezam todos os dias para rever os seus filhos regressar das trincheiras de um conflito; na esperança dos pais que emigram, entre inúmeros riscos e peripécias, à procura de um futuro melhor; na esperança das crianças que, mesmo no meio dos escombros das guerras e nas ruas pobres das favelas, conseguem brincar, sorrir e acreditar na vida.

Sede testemunhas e promotores de uma comunicação não hostil, que difunda uma cultura do cuidado, construa pontes e atravesse os muros visíveis e invisíveis do nosso tempo.

Contai histórias imbuídas de esperança, tomando a peito o nosso destino comum e escrevendo juntos a história do nosso futuro.

Tudo isto podeis e podemos fazê-lo com a graça de Deus, que o Jubileu nos ajuda a receber em abundância. Por isto, rezo por cada um de vós e pelo vosso trabalho, e vos abençoo.

Roma, São João de Latrão, na Memória de São Francisco de Sales, 24 de janeiro de 2025.

Franciscus

[1] “La pace come ricerca del volto”, in Omelie e scritti quaresimali, Molfetta 1994, 317.

[2] Georges Bernanos, *La liberté, pour quoi faire?*, Paris 1995.

[3] Sermão “The Drum Major Instinct”, 4 de fevereiro de 1968.

CHAVES DE LEITURA

Introdução

Atento às transformações sociais e digitais de nossa época, que, apesar dos avanços e oportunidades que proporcionam, também têm intensificado a polarização e disseminado discursos provocativos, distantes da alegria que o anúncio do Evangelho nos oferece, o Papa Francisco, em sua mensagem para o **59º Dia Mundial das Comunicações Sociais**, propõe uma reflexão essencial sobre a maneira como nos comunicamos. Diante de um cenário onde a velocidade da informação muitas vezes supera a profundidade do diálogo, o Pontífice nos exorta a resgatar uma comunicação alicerçada na esperança, na mansidão e no respeito, promovendo encontros autênticos e construtivos.

Tomando por inspiração a **Primeira Carta de São Pedro** (1Pd 3,15-16), Francisco recorda que a verdadeira comunicação cristã não se limita a argumentações persuasivas, mas se expressa, sobretudo, pelo testemunho de vida. Ele nos convida a “desarmar” a comunicação, tornando-a um instrumento de proximidade e entendimento, em oposição à lógica do confronto e da superficialidade. Ao abordar o papel dos comunicadores, sejam jornalistas, influenciadores ou qualquer pessoa ativa no ambiente digital, o Papa reforça a necessidade de cultivar uma linguagem que edifique, console e ilumine, refletindo o amor e a verdade que o Evangelho nos transmite.

10

Desarmar a comunicação

A comunicação deve ser um instrumento de encontro e compreensão, mas muitas vezes se torna um campo de batalha marcado por discursos inflamados e divisivos. Diante desse cenário, somos chamados a refletir sobre como podemos comunicar com mais esperança, respeito e verdade:

Como está sendo minha comunicação, minhas palavras? Tenho gerado esperança através do que falo e me comporto?

Tenho acreditado e dado crédito aos meios que oferecem esperança e mansidão? Ou tenho dado vez e voz para falas e notícias que geram ódio, preconceitos, rancores e/ou difamações?

Como posso me “purificar da agressividade”? Em que momentos meu agir e comunicação perdem a temperança frente a minha fúria para ser ouvido/aceito?

Estou criando pontes ou levantando cercas? Estou criando amigos ou inimigos?

Tenho esperança em uma comunicação não-violenta, ou ainda preciso me munir de dureza para ser ouvida/atendida? Como posso mudar as situações em que esta necessidade surja?

Dar com mansidão a razão da nossa esperança

Francisco sonha com uma comunicação que não provoque medo nem ilusões, mas que reacenda a esperança e promova um verdadeiro espírito de proximidade e cuidado com o outro. Para refletirmos se estamos comunicando **com mansidão e respeito**, no estilo de Jesus, que caminhava ao lado das pessoas e falava ao coração, devemos nos questionar:

Nas diversas dificuldades da missão e da vida cotidiana tenho visto as “migalhas do bem” escondidas nas situações que nos preocupam? Confio que os caminhos de Deus nos parecem, mas estão certos?

Pensando na minha vida, eu tenho vivido um testemunho de fé e de amor, ou contento-me a estar presente nos momentos celebrativos para cumprir uma escala?

O amor de Deus tem chegado nas pessoas que convivo como um todo ou somente nas que eu gosto?

Para praticar: Quais são as minhas esperanças para os desafios que estou vivendo?

Como comunicador, estou perto das pessoas que precisam ouvir e ver o anúncio/testemunho do amor de Deus? Elas conseguem perceber isso em mim? Como agir daqui em diante?

A atuação da nossa pastoral tem sido próxima do viver, da realidade e das necessidades da minha comunidade? do pároco? das demais pastorais, serviços e movimentos? Eu os ajudo ou somente tenho registrado seu trabalho?

Esperar juntos

O Jubileu, com seu profundo convite à misericórdia e ao recomeço, nos chama a ser construtores de paz e agentes de transformação, promovendo uma comunicação que nos aproxima e fortalece. Em meio a um mundo muitas vezes indiferente, somos desafiados a encontrar e compartilhar as pequenas sementes de bem que podem acender a chama da esperança em nossos corações e em nossa sociedade:

Dentro da minha comunidade, quais os lugares onde a misericórdia e a esperança ainda precisam chegar? Que coisas podemos fazer para chegar nessas periferias existenciais?

Para praticar: Em quais momentos da vida e da caminhada pastoral me senti só? A partir das minhas experiências, como posso caminhar com os irmãos e ser companheiro deles?

Dentro da realidade da minha vida, onde posso encontrar ou fomentar lugares para falar da esperança?

Não esqueçais o coração

Concluindo a Mensagem, o Papa Francisco nos lembra da importância de não esquecermos a nossa vida interior. Ele nos convida a praticar uma comunicação que seja mais humana, onde a empatia, a esperança e a confiança estejam sempre presentes. Para este tópico, ele mesmo nos apresenta as pistas para refletirmos:

“Sede mansos e nunca esqueçais o rosto do outro...”

Não permitais que as reações instintivas guiem a vossa comunicação...

Procurai praticar uma comunicação que saiba curar as feridas da nossa humanidade...

Dai espaço à confiança do coração que, como uma flor frágil mas resistente, não sucumbe no meio das intempéries da vida...

Sede testemunhas e promotores de uma comunicação não hostil, que difunda uma cultura do cuidado, construa pontes e atravesse os muros visíveis e invisíveis do nosso tempo...

Contai histórias imbuídas de esperança, tomando a peito o nosso destino comum e escrevendo juntos a história do nosso futuro...”

1- TEXTO COMPLEMENTAR

JUBILEU DE ESPERANÇA: O CAMINHO SE FAZ PEREGRINANDO

Elisângela Oliveira e Pe. Tiago Barbosa

Você sabe o que é o Jubileu e como ele surgiu?

Na tradição da Igreja Católica, Apostólica e Romana, o **“Jubileu”** refere-se a um ano particular. A origem do termo remonta ao hebraico yobel, que significa o chifre de carneiro utilizado para anunciar o início do Ano Jubilar no antigo povo de Israel. O som do yobel ressoava solenemente ao anunciar o Dia da Expição (*Yom Kippur*), que indica uma data importante na religião judaica. Esta festa, que acontece todos os anos, assume um significado especial quando coincide com o início do ano jubilar e marcar um tempo sagrado de reconciliação, libertação e retorno às origens da fé cristã.

De acordo com a tradição judaica e cristã, encontramos as raízes do Jubileu na Sagrada Escritura, tendo no livro do Levítico (Lv 25, 8-13) um indício de sua origem, um ano santificado, celebrado a cada 50 anos, instituído por Deus ao povo de Israel como tempo de graça e libertação. Essa celebração sagrada acontecia para restaurar a aliança com o Senhor, renovar os laços de justiça, libertação e remissão das dívidas dos homens, de forma a reequilibrar a relação com Deus e a criação. Nesse período, as dívidas eram perdoadas, as propriedades retornavam aos seus donos originais, os escravos recuperavam a liberdade e a terra repousava, como sinal de confiança na providência divina.

Inspirando-se nessa tradição bíblica, a Igreja Católica instituiu o Jubileu Cristão, ou Ano Santo, como tempo de renovação espiritual, reconciliação com Deus e com os irmãos, e aprofundamento na vivência da misericórdia. O primeiro Jubileu foi proclamado em 1300 pelo Papa Bonifácio VIII, que convidou os fiéis a peregrinarem até Roma para alcançar a indulgência plenária, na qual se experimenta a santidade de Deus que transforma e renova. Inicialmente, determinou-se que o Ano Santo fosse celebrado a cada 100 anos. No entanto, dada a grande comoção e piedade popular, o Papa Clemente VI antecipou o segundo Jubileu para 1350, estabelecendo o intervalo de 50 anos para a realização de cada Ano Santo.

Com o passar do tempo, o Papa Paulo II, reconhecendo o desejo dos fiéis de viver mais frequentemente esse tempo de graça, definiu, em 1470, que o Jubileu Ordinário se realizaria a cada 25 anos, sendo o precursor dessa revolução, manteve esse ritmo até os nossos dias. Além do Jubileu ordinário, a Igreja Católica celebra também Jubileus Extraordinários, proclamados por ocasião de eventos especiais ou para destacar dimensões particulares da fé, como em 1933 quando Pio XI promulgou o 19º centenário do aniversário de Redenção realizada por Cristo na Cruz, assim como foi o caso do Jubileu da Misericórdia, convocado pelo Papa Francisco em 2015.

Para a Igreja, cada Jubileu remete a um tempo de graça, quando a misericórdia de Deus se manifesta de modo abundante, convidando os fiéis à conversão, à prática da justiça e à vivência plena do amor cristão. É um momento em que o coração da Igreja se abre para acolher com ternura todos os que desejam recomeçar, restaurar sua comunhão com Deus e com os irmãos.

Os Jubileus na história

A história das Escrituras Sagradas relata que entre os antigos Hebreus, o Jubileu é denominado de ano do yobel, pois é uma festa anunciada pelo toque do shofar, o corno de carneiro, um ano declarado santo. Instituído por Deus por meio da Lei de Moisés, conforme encontramos no livro do Levítico (25, 8-13), o Jubileu devia ser celebrado a cada 50 anos como manifestação da justiça divina e da aliança entre Deus e o seu povo.

Durante esse ano santo, era restabelecida a ordem querida por Deus: a terra, reconhecida como dom do Senhor e não propriedade absoluta do homem, portanto, deveria retornar aos seus donos originais; os escravos hebreus readquiriam sua liberdade; e os campos repousavam, em sinal de confiança na providência divina. O Jubileu, dessa forma, promovia a restauração da dignidade homem, a equidade nas relações humanas e o equilíbrio na relação com a criação, reafirmando os valores do Reino de Deus.

14

Já na era cristã, após a instituição do primeiro Jubileu em 1300 pelo Papa Bonifácio VIII, foi estabelecido que essa celebração de fé, penitência e indulgência plenária ocorreria a cada 100 anos. No entanto, diante da grande adesão popular e atendendo a uma petição dos fiéis romanos, o Papa Clemente VI, em 1342, decidiu reduzir o intervalo para 50 anos, permitindo com esse gesto que mais gerações pudessem experimentar a graça jubilar.

Posteriormente, o Papa Urbano VI, movido por profunda inspiração Cristológica, estabeleceu que o Jubileu passasse a ser celebrado a cada 33 anos, em memória da idade de Nosso Senhor Jesus Cristo. Assim, decretou a realização de um novo Ano Santo em 1390. No entanto, tendo falecido antes de sua concretização, coube ao seu sucessor, o Papa Bonifácio IX, levar a celebração adiante, conduzindo o povo de Deus à vivência da misericórdia e da conversão.

No ano de 1400, ao se completarem os 50 anos anteriormente fixados, o Papa Bonifácio IX confirmou a concessão das indulgências aos fiéis que haviam peregrinado até Roma, mesmo em meio às dificuldades do tempo. A tradição do Jubileu continuou com o Papa Martinho V, que celebrou o Ano Santo de 1425. Nesse Jubileu, pela primeira vez na história, foi realizada a solene abertura da Porta Santa na Basílica de São João de Latrão, ato este carregado de profundo simbolismo, representação de Cristo como a Porta da salvação (cf. Jo 10,9).

O último Jubileu celebrado conforme o antigo intervalo de 50 anos foi o de 1450, conduzido pelo Papa Nicolau V. Pouco tempo depois, o Papa Paulo II, considerando o desejo dos fiéis de viver mais frequentemente esse tempo de graça, estabeleceu oficialmente o período interjubilário de 25 anos. Assim posto, em 1475, o Papa Sisto IV presidiu um novo Ano Santo, marcando o início da regularidade com que os Jubileus ordinários passaram a ser celebrados pela Igreja.

Entretanto, os conflitos que marcaram a Europa impediram a realização dos Jubileus nos anos de 1800 e 1850, devido às Guerras Napoleônicas e às instabilidades políticas que afetaram Roma. Somente em 1875, já com a cidade anexada ao Reino da Itália, a Igreja pode retomar a celebração jubilar. No entanto, esse Jubileu aconteceu de forma mais discreta e sem a habitual solenidade, refletindo as limitações impostas pelo novo contexto histórico e político.

As alternâncias no tempo de realização dos Jubileus por vezes expressaram o anseio da Igreja de tornar mais frequente o acesso às abundantes graças espirituais do Ano Santo, como também atender o apelo do povo cristão em reconciliar-se com Deus, renovar a fé e reafirmar a esperança no caminhar em unidade em direção ao Reino de Deus.

Destarte, assim temos, cronologicamente na história da Igreja esta ordem de Jubileus:

1300 – Papa Bonifácio VIII: Com a bula *Antiquorum habet*, a 22 de fevereiro de 1300, proclamou o Ano Jubilar de 1300, enfatizando que os romanos que visitassem as basílicas de São Pedro e São Paulo trinta vezes durante um ano receberiam uma indulgência plenária, enquanto para os peregrinos que vinham de fora de Roma eram suficientes quinze visitas.

1350 – Papa Clemente VI: Com a bula *Unigenitus Dei Filius*, publicada em 1343, Clemente VI, depois de receber uma delegação de romanos que lhe pedia para fazer regressar a sede apostólica à Urbe e proclamar um Jubileu antes dos 100 anos, proclamou o Ano Santo para 1350.

1390 – Proclamado pelo Papa Urbano VI, presidido por Bonifácio IX: Em 8 de abril de 1389, a bula *Salvatus noster Unigenitus* de Urbano VI estabeleceu que a celebração do Jubileu deveria ocorrer a cada 33 anos, trazendo assim as celebrações para 1390.

1450 – Papa Nicolau V: proclamou o ano santo para 1450, com a bula *Immensa et innumerabilia*, datada de 19 de janeiro de 1449, retornando o intervalo dos Jubileus para 50 anos.

1475 – Proclamado pelo Papa Paulo II, presidido por Sisto IV: Em 19 de abril de 1470, com a bula *Ineffabilis Providentia*, mencionando expressamente a visita das basílicas de São Pedro, São Paulo, São João de Latrão e Santa Maria Maior, estabeleceu que a partir de 1475, os jubileus eram celebrados a cada 25 anos, segundo o querer do Papa Paulo II. Com a bula de 29 de agosto de 1473 *Quemadmodum operosi*, Sisto IV confirmou a proclamação do Jubileu feita anteriormente por Paulo II, que morreu naquele intervalo de tempo.

1500 – Papa Alexandre VI: Foi Alexandre VI que definitivamente fixou o complexo cerimonial de encerramento e abertura dos anos santos, que até então não tinham seguido ritos específicos. De facto, o Papa queria que o início fosse marcado por um evento de forte impacto e identificou-o na abertura da Porta Santa. Uma explícita recordação das palavras do Evangelho segundo João: “Eu sou a porta. Quem passar por mim será salvo.”

1525 – Papa Clemente VII: A bula de proclamação, *Inter Sollucitudines*, emitida por Clemente VII, foi publicada a 17 de dezembro de 1524.

1550 – Proclamado por Paulo III, presidido por Júlio III: Poucos dias após sua eleição, o papa Júlio III abriu o Ano Santo promulgado pelo seu antecessor Paulo III, com a emissão da bula *Si pastores ovium*, de 24 de fevereiro de 1550. Ele também anunciou a retomada do Concílio de Trento para o mês de maio do ano seguinte.

1575 – Papa Gregório XIII: O Jubileu de 1575 – proclamado a 10 de maio de 1574 com a bula *Dominus ac Redemptor* – celebrado após a tempestade da crise protestante, foi uma excelente oportunidade para Gregório XIII, para renovar a catolicidade na linha das decisões do Concílio de Trento. Este Ano Santo deu ao Papa a oportunidade de mostrar o novo papel da Igreja no mundo moderno.

1600 – Papa Clemente VIII: O Ano Santo foi proclamado com a bula de 19 de maio de 1599, *Annus Domini Placabilis*. Durante este Jubileu, Clemente VIII deu um bom exemplo público ao ouvir confissões durante a Semana Santa, subindo a Escada Santa de joelhos, servindo peregrinos à mesa, comendo todos os dias com doze pessoas pobres.

1625 – Papa Urbano VIII: Em 29 de abril de 1624, com a bula *Omnes Gentes*, Urbano VIII proclamou o Jubileu para 1625.

1650 – Papa Inocêncio X: Por ocasião deste Ano Santo, proclamado com a bula *Appropinquat Dilectissimi Filii* de 4 de maio de 1649, Inocêncio X fez restaurar a basílica de São João de Latrão, graças à colaboração do famoso arquiteto Borromini.

1675 – Papa Clemente X: Durante o Ano Santo, proclamado por Clemente X com a bula *Ad Apostolicae Vocis Oraculum* de 16 de abril de 1674, o Coliseu foi reconsagrado, retirando a permissão de 1671 para ali realizar touradas.

1700 – Proclamado por Inocêncio XII, concluído por Clemente XI: Este Jubileu foi proclamado por Inocêncio XII a 18 de maio de 1699, com a bula *Regi Saeculorum*. Na abertura, o Papa, devido às suas precárias condições de saúde, não pôde presidir pessoalmente, vindo a falecer em setembro daquele ano. O encerramento do Jubileu deste ano contou com a presença de Clemente XI (eleito Papa em novembro). Foi a primeira vez que a Porta Santa é aberta por um Papa e fechada por outro.

1725 – Papa Bento XIII: Durante o Ano Santo de 1725, proclamado com a bula *Redemptor et Dominus Noster* de 26 de junho de 1725, o papa Bento XIII visitava regularmente as basílicas viajando em carruagens modestas e participando nas práticas de indulgência.

1750 – Papa Bento XIV: Em 5 de março de 1749, foi proclamado o Ano Santo de 1750, com a bula *Peregrinantes a Domino*. Pelas crônicas da época, narra-se que mais de um milhão de peregrinos viajaram até Roma, incluindo várias embaixadas, um grupo das Antilhas, Egito e Armênia. O Papa Bento XIV também instituiu a procissão da Sexta-Feira Santa, a *Via Crucis* no Coliseu, consagrando o anfiteatro como um lugar emblemático do martírio dos primeiros cristãos.

1775 – Proclamado por Clemente XIV, presidido por Pio VI: Este Jubileu foi proclamado em 30 de abril de 1774, com a bula *Salutis Nostrae Auctor*, pelo Papa Clemente XIV, este infelizmente, veio a falecer de causas naturais em 22 de setembro do mesmo ano. Pio VI foi eleito Papa em 15 de fevereiro de 1775 e, poucos dias depois, em 26 de fevereiro, inaugurou solenemente o Ano Santo que não podido iniciar-se, como habitualmente, na véspera de Natal, uma vez que a sede pontifícia estava vacante.

1825 – Papa Leão XII: Durante o Jubileu de 1825, proclamado em 24 de maio de 1824 com a bula *Quod Hoc Ineunte*, Leo XII fez o seu melhor, apesar da sua doença, para estabelecer uma ligação mais próxima entre o Papa e o povo cristão.

1875 – Papa Pio IX: Voltando do exílio e retomando o governo do estado, Pio IX pôde proclamar o Jubileu a 24 de dezembro de 1874 com a bula *Gravibus Ecclesiae*. O Ano Jubilar, contudo, não teve as cerimônias de abertura e de encerramento da Porta Santa, devido à ocupação de Roma por parte das tropas de Victor Emmanuel II.

1900 – Papa Leão XIII: *Properante ad Exitum Saeculo* foi a bula com o qual em 11 de maio de 1899 Leão XIII proclamou o Ano Santo universal para 1900. Pela primeira vez desde a Unificação da Itália, o Rei anunciou o Jubileu no “Discurso da Coroa”. O Papa enviou um apelo para o despertar da fé no povo cristão em todo o mundo.

1925 – Papa Pio XI: O Papa evidenciando o empenho da Igreja e de todos os cristãos por uma sociedade melhor, proclama o Jubileu de 1925, com a bula *Infinita Dei Misericordia* de 29 de maio de 1924, dando o impulso para o lançamento de missões em todo o mundo, o que lhe valeu o título de “Papa das Missões”.

1933 – Papa Pio XI: A 6 de janeiro de 1933, com a bula *Quod Nuper*, proclamou um Jubileu extraordinário, por ocasião do 1900º aniversário da morte de Jesus. O evento foi celebrado com grandeza particular. O Papa fez 620 discursos e mais de 2 milhões de peregrinos entraram em Roma. Mais de 500 vagões ferroviários foram usados para transportar fiéis de todo o mundo.

1950 – Papa Pio XII: Em 26 de março de 1949, com a bula *Jubilaenum Maximum*, foi proclamado o Ano Santo de 1950. Por ocasião das celebrações para o Jubileu, Pio XII proclamou o dogma da Assunção da Virgem Maria ao céu e transformou o Colégio de Cardeais numa espécie de representação universal do mundo católico, reduzindo drasticamente a presença italiana e aumentando o número de cardeais de várias nações. Neste ano, o turismo religioso em massa tomou corpo.

1975 – Papa Paulo VI: O Papa Paulo VI decidiu que o Ano Santo deveria ser dedicado à reconciliação. Proclamou-o com a bula *Apostolorum Limina* de 23 de maio de 1974.

1983 – Papa João Paulo II: Com a bula *Aperite Portas Redentor*, de 6 de janeiro de 1983, João Paulo II anunciou o Jubileu, para celebrar o 1950º aniversário da morte e ressurreição de Jesus.

2000 – Papa João Paulo II: O Papa, em 29 de março de 1998, com a bula *Incarnationis Mysterium*, proclamou o Grande Jubileu do Ano 2000. Ao longo do ano João Paulo II fez várias peregrinações e gestos simbólicos não previstos pelas práticas habituais das celebrações, incluindo o pedido de perdão pelos pecados cometidos na história e o Martirológio dos cristãos mortos no século XX. Um dos principais eventos do Jubileu foi a realização da Jornada Mundial da Juventude em Roma: mais de dois milhões de jovens participaram. O Papa também fez uma peregrinação à Terra Santa, incentivando o diálogo entre a Igreja Católica, o Islamismo e o Ebraísmo.

2015 – Papa Francisco: Com a bula *Misericordiae Vultus* de 11 de abril de 2015, o Papa Francisco declarou um Jubileu para o 50º aniversário do fim do Concílio Vaticano II. O Jubileu foi dedicado à misericórdia.

Com a publicação da bula *Spes non confundit* – “A Esperança lhes encha o coração”, em 9 de maio de 2024, o Papa Francisco proclamou oficialmente o Jubileu Ordinário de 2025, que a Igreja celebra tradicionalmente a cada 25 anos. Ato emblemático de seu pontificado pelo qual convocou todos os cristãos a viverem intensamente o “Ano da Esperança”, tornando-se autênticos Peregrinos de Esperança num mundo marcado por incertezas, conflitos e desafios sociais e espirituais.

A abertura solene do Ano Santo aconteceu no dia 24 de dezembro de 2024, com a tradicional abertura da Porta Santa na Basílica de São Pedro, no Vaticano, rito que simboliza o início de um tempo especial de graça, reconciliação e restauração da fé. O encerramento do Jubileu acontecerá em 6 de janeiro de 2026, na Solenidade da Epifania do Senhor.

O tema escolhido para este Jubileu é “Peregrinos de Esperança” e, expressa com clareza o espírito pastoral e missionário do Papa Francisco, que sempre exortou a Igreja a caminhar ao encontro dos que mais sofrem, levando-lhes a luz do Evangelho e o consolo da misericórdia divina.

A preparação espiritual para esse tempo de graça começou dois anos antes: o ano de 2023 foi dedicado à memória viva do Concílio Vaticano II, como Ano do Concílio, retomando as grandes intuições da renovação eclesial; e o ano de 2024 foi proclamado Ano da Oração, tempo propício para aprofundar a intimidade com Deus e reforçar a espiritualidade pessoal e comunitária.

Embora já apresentasse fragilidade em sua saúde, o Papa Francisco permaneceu fiel à missão confiada por Cristo até o fim. Em abril de 2025, acometido por uma forte pneumonia que agravou seu estado clínico, o Santo Padre veio a falecer em 21 de abril, deixando como herança espiritual à Igreja e ao mundo o Jubileu da Esperança, testemunho eloquente de sua confiança em Deus e de sua fé inabalável na Ressurreição de Jesus Cristo.

REFERÊNCIAS

FRANCISCO, Papa. *Spes non confundit* – “A Esperança lhes encha o coração”. Bula de Proclamação do Jubileu Ordinário do Ano 2025: 9 de maio de 2024.

GIOBILEO 2025. O que é o Jubileu. Jubileus na história. Disponível em: <https://www.iubilaeum2025.va/pt/giubileo-2025/giubilei-nella-storia.html> Acesso em: 5 de abril de 2025.

FRANCISCO, Mensagem para o LVIII Dia Mundial das Comunicações Sociais: *Partilhai com mansidão a esperança que está nos vossos corações*. Roma, 24 de janeiro de 2025.

2- TEXTO COMPLEMENTAR

COMO SER UM COMUNICADOR DA ESPERANÇA NA PASCOM E NA IGREJA?

Pe. Tiago Síbula

Introdução

Vivemos tempos de grandes mudanças culturais e sociais, marcados por polarizações, desinformações e uma comunicação muitas vezes agressiva e marcada pelo medo. Neste cenário, no qual a Igreja, todos nós, estamos inseridos, torna-se cada vez mais urgente uma comunicação que gere esperança e não desespero, que aproxime e não divida, que cure e não fira as pessoas. A Pastoral da Comunicação (Pascom), como presença evangelizadora da Igreja nos ambientes comunicacionais, é chamada a ser expressão viva da ternura de Deus e da proximidade do ressuscitado. A partir da mensagem do Papa Francisco para o Dia Mundial das Comunicações Sociais de 2025, desejamos refletir sobre como ser comunicadores da esperança na Pascom e na vida da Igreja.

1. O que significa ser cristão?

Testemunhas da esperança

Ser cristão é, antes de tudo, ser testemunha da Ressurreição. São João Crisóstomo recorda que os discípulos “davam testemunho da Ressurreição não só com a palavra, mas também com as suas virtudes” (CRISÓSTOMO, Homilias sobre os Atos dos Apóstolos, Homilia XI). Deste modo, podemos afirmar testemunho autêntico nasce da experiência viva com o Senhor, não de discursos bem elaborados. Comunicar a fé é antes de tudo deixar que ela transforme a vida.

Santo Irineu, por sua vez, nos inspira ao falar de uma Igreja onde os cristãos “participavam, exprimiam e transmitiam uma só doutrina com a mesma alma, com o mesmo coração e com idêntica voz” (*Contra as heresias*, I, 10, 2). Isso exige conversão, unidade e mudança de vida. A comunicação cristã brota desta fonte interior que é a fé em Cristo, fundamento da nossa esperança.

Quando Jesus pergunta: “E vós, quem dizeis que eu sou?” (cf. Mt 16,15), ele nos convida a não repetir fórmulas, mas a responder com a vida, com o testemunho. Os batizados devem estar sempre prontos a apresentar as razões da sua fé (cf. 1Pd 3,15), com mansidão, respeito e boa consciência. Esta é a base de uma comunicação que desarma quem esteja armado, ou seja, uma linguagem não hostil, humilde e autêntica, que toca o coração do outro e se faz companheira de viagem.

2. O que significa ser Igreja?

A missão de comunicar esperança

A Igreja existe para evangelizar (cf. *Evangelii Nuntiandi*, n. 14). E evangelizar é comunicar. Como bem afirmou Paulo VI, a Igreja é “perita em humanidade” – capaz de escutar os clamores do coração humano e responder com compaixão e profecia (cf. *Alocução aos Representantes dos Estados*, 1965). O Concílio Vaticano II, em *Ad Gentes* (n. 10), recorda que a missão da Igreja é comunicar o amor de Deus a todas as pessoas e povos. Comunicar é, portanto, parte essencial do ser Igreja.

Como povo de Deus em peregrinação rumo à eternidade, a Igreja é chamada a anunciar o Evangelho não com palavras vazias ou teorias abstratas, mas com ações concretas e com a presença comprometida na história. Papa Francisco, na *Evangelii Gaudium* (n. 24), fala da Igreja em saída, que se faz próxima, que acompanha e que frutifica. É essa Igreja que deve inspirar a Pascom à uma comunicação que vai ao encontro, que escuta, que espera junto, que não se apressa nem se impacienta.

Francisco nos recorda também que “a realidade é superior à ideia” (EG 231). Isso significa que não basta formular belas estratégias de comunicação; é preciso tocar a carne ferida da humanidade com misericórdia. A Igreja missionária comunica esperança porque ela mesma é sinal e instrumento da união com Deus e da unidade de toda a humanidade (cf. *Lumen Gentium*, n. 1).

3. O que significa ser Pascom?

Ser presença evangelizadora

A Pastoral da Comunicação é, segundo o Diretório de Comunicação da Igreja no Brasil (Doc. CNBB 99, n. 323), “a presença e ação da Igreja nos ambientes comunicacionais”. A Pascom é chamada a ser expressão do ser e do estar em comunhão, com espírito acolhedor, solidário e democrático. Ela não é mero suporte técnico, mas pastoral encarnada, evangelização comunicante, serviço de comunhão e diálogo.

Neste tempo de desinformação e polarização, os agentes da Pascom são convocados pela Igreja a exercer uma responsabilidade pessoal e coletiva. Não se pode brincar com a verdade nem manipular a fé. A comunicação não pode se tornar palco de autorreferencialidade ou de protagonismos doentios. O Papa denuncia essa “doença” da vaidade comunicacional, que afasta os corações e fecha os ouvidos à graça de Deus.

A missão da Pascom é purificar a comunicação da agressividade, da indiferença e do fanatismo. É cultivar uma linguagem de mansidão e respeito, capaz de tocar o coração, como nos pede São Pedro (cf. 1Pd 3,15-16). O comunicador da esperança é aquele que escuta mais do que fala, que acolhe mais do que impõe, que serve mais do que se exhibe.

Conclusão: Ser testemunhas de uma comunicação não hostil

A comunicação na Igreja não é neutra nem meramente funcional. Ela é vocação e missão. Como recorda o Papa Francisco, a comunicação deve “curar as feridas da humanidade” e não aprofundá-las. Deve ser ponte, e não muro. Deve gerar esperança, e não medo. Deve despertar comunhão, e não fanatismo.

Ao dirigirmo-nos aos agentes da Pastoral da Comunicação, convidamo-los a serem testemunhas de uma comunicação não hostil. A esperança se comunica quando há escuta, paciência, empatia e verdade. Como Igreja, sejamos presença de ternura nos meios de comunicação. Como cristãos, comuniquemos aquilo que o mundo mais necessita: esperança viva, encarnada, comprometida com a paz, com a justiça e com a fraternidade.

Como dizia São Paulo VI, a Igreja é perita em humanidade. E porque é perita em humanidade, pode ser perita também em comunicação. Não qualquer comunicação, mas aquela que nasce do coração de Deus e se expressa nos gestos do Reino, uma comunicação encarnada.

Sejamos, pois, comunicadores da esperança. Não por mera estratégia, mas por vocação. Não por moda, mas por fidelidade ao Evangelho. E que, na Pascom, sejamos sempre companheiros de viagem, testemunhas da luz, sinais de comunhão e vozes da Esperança.

3- TEXTO COMPLEMENTAR

A COMUNICAÇÃO COMO CAMINHO PARA A COMUNHÃO E A ESPERANÇA

Talita Salgado

Comunicação deriva do latim *communio*, de onde também surge a palavra “comunhão”. O Papa Francisco, na mensagem para o 59º Dia Mundial das Comunicações, inicia sua reflexão justamente trazendo o contraponto da comunicação que desagrega, polariza e gera divisão. Ele exorta os comunicadores a retornarem à origem e ao verdadeiro significado de comunicar: uma partilha que deve gerar comunhão e esperança. “Partilhai com mansidão a esperança que está nos vossos corações” (cf. 1 Pd 3,15-16). Francisco destaca que essa conversão na comunicação não deve ser feita de qualquer modo, mas com mansidão. Diante de realidades hostis e conflitantes, devemos ser apaziguadores a partir da verdade.

Somos chamados a nos apresentar “desarmados”, investidos de paz, não como combatentes, mas como promotores de elucidação e harmonia, que usam da verdade para abrir os olhos cegados pelo egocentrismo e pelos algoritmos que reforçam o individualismo e nos afastam do bem comum, em detrimento do desejo de um bem particular. Ao agir assim, desconSIDERAMOS o princípio da unidade e da missão cristã, que se concretiza no reconhecimento e no serviço ao outro.

No entanto, não se pode pensar que a esperança seja um “esperar” inerte. Pelo contrário, o Papa Francisco destaca a essência ativa da esperança, e, citando o Papa Bento XVI, reforça que “quem tem esperança, vive diversamente; foi-lhe dada uma vida nova”. E de onde provém essa nova vida? Qual a razão pela qual devemos combater essa guerra “armada” de desinformação, extremismos, autorreferencialidade e conflitos? Essa força vem da experiência com Cristo. Ele nos dá as razões, o desejo e a missão de anunciarmos, mas, mais do que isso, de sermos testemunhas.

Papa Francisco destaca três aspectos importantes dessa comunicação: a confiança e entrega a Deus, a experiência com Deus e a vivência da fé, e, por fim, o testemunho amoroso e pacífico desse amor que transforma. É a partir do coração que devem brotar nossas palavras, para que possamos construir “uma comunicação que nos ajude a reconhecer a dignidade de cada ser humano e a cuidar juntos da nossa casa comum” (Carta enc. *Dilexit* nos, 217).

“A esperança é sempre um projeto comunitário.” Não basta que eu percorra o caminho; é preciso que, ao longo dele, eu me encontre com os irmãos e irmãs, que eu aprenda e também compartilhe. Somos chamados a caminhar juntos, peregrinos de esperança, movidos pela mesma razão. Seus frutos estão em diversos lugares, muitas vezes escondidos entre as disputas, entre os conteúdos polêmicos que geram likes, entre as divisões. Procuremos peneirar o bem que está entre o mal disfarçado, o outro perdido nas águas turvas dos desentendimentos. “O Jubileu recorda-nos que todos os que se tornam construtores da paz ‘serão chamados filhos de Deus’ (Mt 5,9).” Não devemos fazer alusão à guerra na busca pela paz, pois não é ferindo que se encontra a cura.

“Sede testemunhas e promotores de uma comunicação não hostil, que difunda uma cultura do cuidado, construa pontes e atravesse os muros visíveis e invisíveis do nosso tempo.” Na mensagem deste ano jubilar, o Papa conclui sua reflexão reafirmando a centralidade do coração e do amor como fundamentos da comunicação. Ele nos convida a uma mudança genuína, guiada pela mansidão e pela busca da unidade, e não pelo desejo instintivo de vitória. O amor não precisa vencer - o amor é o único caminho.

RODAS DE CONVERSA

Pe. George Luís

ROTEIRO 01

**Comunicar com mansidão:
a busca da comunhão em tempos de polarização.**

Nesta primeira roda de conversa do Tempo Pascal, convidamos os membros da Pascom para refletirmos, junto com a mensagem do Papa Francisco, sobre a nossa missão de comunicadores na promoção do diálogo e da comunhão.

ACOLHIDA E ORAÇÃO INICIAL

Animador: Como Igreja, somos conduzidos pelo Espírito do Ressuscitado. É Ele mesmo quem inspira e orienta nossa missão enquanto Pastoral da Comunicação. Sejamós dóceis a sua ação e ao que Ele que nos falar.

Animador: Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo. Todos: Amém!

Animador: Vinde Espírito Santo...

(Esse momento também pode ser acompanhado por músicas do Tempo Pascal previamente selecionadas)

25

Escutando a Palavra de Deus

A: Escutemos as palavras do Evangelho de São João (João 17, 20-25)

L1: *“Naquele tempo, Jesus ergueu os olhos ao céu e rezou, dizendo: ‘Pai santo, eu não te rogo somente por eles, mas também por aqueles que vão crer em mim pela sua palavra; para que todos sejam um como tu, Pai, estás em mim e eu em ti, e para que eles estejam em nós, a fim de que o mundo creia que tu me enviaste. Eu dei-lhes a glória que tu me deste, para que eles sejam um, como nós somos um: eu neles e tu em mim, para que assim eles cheguem à unidade perfeita e o mundo reconheça que tu me enviaste e os amaste, como me amaste a mim. Pai, aqueles que me deste, quero que estejam comigo onde eu estiver, para que eles contemplem a minha glória, glória que tu me deste porque me amaste antes da fundação do universo. Pai justo, o mundo não te conheceu, mas eu te conheci, e estes também conheceram que tu me enviaste. Eu lhes fiz conhecer o teu nome, e o tornarei conhecido ainda mais, para que o amor com que me amaste esteja neles, e eu mesmo esteja neles.’”*

Refrão meditativo – (Tom: F) Taizé: “Onde reina amor, / fraterno amor. / Onde reina amor, / Deus aí está”

ESCUTANDO O PAPA

A: Agora, escutemos atentamente as palavras do Santo Padre para o 59º Dia Mundial das Comunicações Sociais:

L2: *“[...] Sonho com uma comunicação que saiba fazer de nós companheiros de viagem de tantos irmãos e irmãs nossos para, em tempos tão conturbados, reacender neles a esperança. Uma comunicação que seja capaz de falar ao coração, de suscitar não reações impetuosas de fechamento e raiva, mas atitudes de abertura e amizade; capaz de apostar na beleza e na esperança mesmo nas situações aparentemente mais desesperadas; de gerar empenho, empatia, interesse pelos outros. Uma comunicação que nos ajude a ‘reconhecer a dignidade de cada ser humano e a cuidar juntos da nossa casa comum’ (Carta enc. Dilexit nos, 217). Sonho com uma comunicação que não venda ilusões ou medos, mas seja capaz de dar razões para ter esperança. Martin Luther King disse: ‘Se eu puder ajudar alguém enquanto caminho, se eu puder alegrar alguém com uma palavra ou uma canção... então a minha vida não terá sido vivida em vão’. Para isso, precisamos de nos curar da ‘doença’ do protagonismo e da autorreferencialidade, evitar o risco de falarmos de nós mesmos: o bom comunicador faz com que quem ouve, lê ou vê se torne participante, esteja próximo, possa encontrar o melhor de si e entrar com estas atitudes nas histórias contadas. Comunicar deste modo ajuda a tornarmo-nos ‘peregrinos de esperança’, como diz o lema do Jubileu.*

ESCUTANDO AOS OUTROS

O/a animador/a, com breves palavras, introduz o assunto do dia, a partir do texto bíblico e do trecho da mensagem do Papa, conduzindo a conversa a partir das seguintes perguntas:

- Como vemos, à luz do evangelho, o contexto atual?
- Qual tem sido nosso modo de agir frente à realidade em que nos encontramos?
- Como a comunicação pode ser usada para construir pontes em vez de muros?
- De que maneira podemos evitar a disseminação de discursos agressivos nas redes sociais?

Preces

A.: A partir de nossa reflexão, apresentemos ao Senhor nossa oração.

(Cada participante é convidado a apresentar sua prece)

A.: Unamos os nossos pedidos às palavras que o próprio Cristo nos ensinou: Pai-nosso que estais no céu...

ORAÇÃO FINAL

T: Pai que estás nos céus, a fé que nos deste no teu filho Jesus Cristo, nosso irmão, e a chama de caridade derramada nos nossos corações pelo Espírito Santo despertem em nós a bem-aventurada esperança para a vinda do teu Reino. A tua graça nos transforme em cultivadores diligentes das sementes do Evangelho que fermentem a humanidade e o cosmos, na espera confiante dos novos céus e da nova terra, quando, vencidas as potências do Mal, se manifestar para sempre a tua glória. A graça do Jubileu reavive em nós, Peregrinos de Esperança, o desejo dos bens celestes e derrame sobre o mundo inteiro a alegria e a paz do nosso Redentor. A ti, Deus bendito na eternidade, louvor e glória pelos séculos dos séculos. Amém

ROTEIRO 02

A comunidade cristã e o seu papel de comunicadora da esperança.

Nesta segunda roda de conversa do Tempo Pascal, convidamos os membros da Pascom para refletirmos, junto com a mensagem do Papa Francisco, sobre a comunidade dos fiéis como lugar de vivência e anúncio da esperança.

ACOLHIDA E ORAÇÃO INICIAL

Animador: A esperança cristã não se baseia no individualismo; ao contrário, ela prospera em um ambiente comunitário. Essa esperança é nutrida pelo relacionamento com o próximo, pela partilha de testemunhos, pela escuta recíproca e pela prática concreta da caridade. Peçamos ao Espírito do Ressuscitado que nos inspire na missão de comunicadores da esperança.

Animador: Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo. **Todos:** Amém!

Animador: Vinde Espírito Santo...

(Esse momento também pode ser acompanhado por músicas do Tempo Pascal previamente selecionadas)

Escutando a Palavra de Deus

A: Escutemos as palavras da 1ª Carta de São Pedro (1Pd 3, 15-18)

L1: *“Caríssimos: Santificai em vossos corações o Senhor Jesus Cristo, e estai sempre prontos a dar razão da vossa esperança a todo aquele que vo-la pedir. Fazei-o, porém, com mansidão e respeito e com boa consciência. Então, se em alguma coisa fordes difamados, ficarão com vergonha aqueles que ultrajam o vosso bom procedimento em Cristo. Pois será melhor sofrer praticando o bem, se esta for a vontade de Deus, do que praticando o mal. Com efeito, também Cristo morreu, uma vez por todas, por causa dos pecados, o justo, pelos injustos, a fim de nos conduzir a Deus. Sofreu a morte, na sua existência humana, mas recebeu nova vida pelo Espírito”.*

Refrão meditativo – Hino do Jubileu: “Chama viva da minha esperança/ Este canto suba para Ti/ Seio eterno de infinita vida/ No caminho eu confio em Ti”.

ESCUTANDO O PAPA

A: Agora, escutemos atentamente as palavras do Santo Padre para o 59º Dia Mundial das Comunicações Sociais:

L2: *“A esperança é sempre um projeto comunitário. Pensemos, por um momento, na grandeza da mensagem deste ano de graça: estamos todos – realmente todos! – convidados a recomeçar, a deixar que Deus nos reerga, nos abrace e inunde de misericórdia. E entrelaçadas com tudo isto estão a dimensão pessoal e a dimensão comunitária. É em conjunto que nos pomos a caminho, peregrinamos com tantos irmãos e irmãs, e, juntos, atravessamos a Porta Santa. O Jubileu tem muitas implicações sociais. Pensemos, por exemplo, na mensagem de misericórdia e esperança para quem vive nas prisões, ou no apelo à proximidade e à ternura para com os que sofrem e estão à margem. O Jubileu recorda-nos que todos os que se tornam construtores da paz ‘serão chamados filhos de Deus’ (Mt 5, 9). E, deste modo, abre-nos à esperança, aponta-nos a necessidade de uma comunicação atenta, amável, refletida, capaz de indicar caminhos de diálogo. Encorajo-vos, portanto, a descobrir e a contar tantas histórias de bem escondidas por detrás das notícias; a imitar aqueles exploradores de ouro que, incansavelmente, peneiram a areia em busca duma pequeníssima pepita. É importante encontrar estas sementes de esperança e dá-las a conhecer. Ajuda o mundo a ser um pouco menos surdo ao grito dos últimos, um pouco menos indiferente, um pouco menos fechado. Que saibais sempre encontrar as centelhas de bem que nos permitem ter esperança. Este tipo de comunicação pode ajudar a tecer a comunhão, a fazer-nos sentir menos sós, a redescobrir a importância de caminhar juntos.”*

ESCUTANDO AOS OUTROS

29

O/a animador/a, com breves palavras, introduz o assunto do dia, a partir do texto bíblico e do trecho da mensagem do Papa, conduzindo a conversa a partir das seguintes perguntas:

- Como comunidade, temos sido lugar de vivência e anúncio da esperança?
- Qual é a razão da nossa esperança?
- Temos acolhido os que se encontram imersos no desespero?
- De que maneira a comunidade cristã pode comunicar esperança através de suas ações e palavras?
- Como fortalecer os laços comunitários para melhor testemunhar a esperança cristã?

Preces

A.: A partir de nossa reflexão, apresentemos ao Senhor nossa oração.

(Cada participante é convidado a apresentar sua prece)

A.: Unamos os nossos pedidos às palavras que o próprio Cristo nos ensinou: Pai-nosso que estais no céu...

ORAÇÃO FINAL

T: Pai que estás nos céus, a fé que nos deste no teu filho Jesus Cristo, nosso irmão, e a chama de caridade derramada nos nossos corações pelo Espírito Santo despertem em nós a bem-aventurada esperança para a vinda do teu Reino. A tua graça nos transforme em cultivadores diligentes das sementes do Evangelho que fermentem a humanidade e o cosmos, na espera confiante dos novos céus e da nova terra, quando, vencidas as potências do Mal, se manifestar para sempre a tua glória. A graça do Jubileu reavive em nós, Peregrinos de Esperança, o desejo dos bens celestes e derrame sobre o mundo inteiro a alegria e a paz do nosso Redentor. A ti, Deus bendito na eternidade, louvor e glória pelos séculos dos séculos. Amém.

LEITURA ORANTE

1 Pedro 3, 15-16

1. Leia o texto bíblico – 1 Pedro 3, 15-16 – de maneira calma e silenciosa. Não tenha pressa. Se julgar necessário leia novamente (pode ler em bíblias/versões diferentes). Retome cada palavra, cada expressão do texto. Leia atentamente sem distrações. Ao ler a palavra vá preparando o seu coração e sua mente para meditá-la em profundidade. *“Procure identificar as coisas importantes desta passagem: o ambiente, os personagens, os diálogos, as imagens usadas, as ações. É importante identificar tudo com calma e atenção, como se estivesse vendo a cena. A leitura é o estudo assíduo das Escrituras, feito com aplicação de espírito”.*

2. Muito bem, este é o momento de meditar a Palavra de Deus. Desarme o seu coração. Acalme a sua mente. Abra espaço para o Senhor. A meditação verdadeira e profunda exige presença e inteireza. Sem isso é quase impossível escutar e discernir a voz do Senhor. Por isso, deixe de lado, por um instante, suas preocupações externas e escute o que o Espírito Santo deseja soprar em sua mente e em seu coração. Não tenha pressa. Silencie. Escute o seu interior. Não se distraia com nada. Retome o texto se for preciso. Deixe o seu olhar permanecer naquela palavra mais forte ao seu coração. *“Estai sempre prontos a dar razão de vossa esperança...”.* Vivemos tempos difíceis. Em meio ao desespero da humanidade, o Senhor confia em mim e em você para testemunharmos a Fé, a Esperança e o Amor. Mesmo que sejamos difamados e criticados, por amor a Cristo, devemos nos manter firmes em nosso propósito, em nossa vocação de filhos amados de Deus que não desejam outra coisa senão fazer a vontade do Pai.

3. Tendo criado intimidade com a Palavra, reze com ela. Silencie. Reze esta oração de Henri Nouwen pedindo ao Senhor o verdadeiro silêncio interior: *“Ó Senhor Jesus, as suas palavras ao Pai nasceram do seu silêncio. Guie-me para esse silêncio, de forma que as minhas palavras possam ser ditas em seu nome e assim frutifiquem. É tão difícil ficar em silêncio, em silêncio com a minha boca, porém, ainda mais, em silêncio com o meu coração. Há tantas vozes falando dentro de mim... Se eu simplesmente tivesse de repousar aos seus pés e perceber que pertencço a você e só a você, eu facilmente pararia de discutir com todas as pessoas reais e imaginárias ao meu redor.... Sei que no silêncio do meu coração você falará comigo e me mostrará o seu amor. Dê-me, ó Senhor, esse silêncio. Deixe-me ser paciente e crescer lentamente em direção a este silêncio onde eu possa estar com você. Amém”.*

4. Agora, não peça nada. Não faça barulhos. Apenas contemple as maravilha de Deus. Silencie e fique na presença do Senhor o tempo necessário. Deixe-o trabalhar em você. Contemple a face do Senhor na mais profunda solitude do seu coração. Sinta o seu ser inteiro em Deus e em profunda paz. Deixe o Espírito Santo ressignificar aquilo que precisa ser transformado em seu íntimo. Conclua a sua oração com o coração agradecido e cheio de contentamento, pois o Senhor sempre escuta o nosso clamor e a nossa prece. Ainda que não seja à nossa maneira nem no nosso tempo, o Senhor sempre age, Ele nunca nos abandona.

ROTEIRO DE ADORAÇÃO AO SANTÍSSIMO SACRAMENTO

Adoração ao Santíssimo Sacramento

Tema:

“Partilhai com mansidão a esperança que está nos vossos corações” (1Pd 3,15-16)

1. Ambiente e Preparação

Antes de tudo, que o espaço fale. Luzes suaves, silêncio sagrado, incenso. Que tudo convide à escuta: o altar, o povo, o som da respiração orante. Que o coração da assembleia esteja como a terra antes da criação: em silêncio e expectativa.

2. Exposição do Santíssimo Sacramento

Canto sugerido: ‘Adoro Te Devote’ ou ‘Vamos todos louvar juntos.

Silêncio profundo. O Senhor está aqui. Palavra Eterna feita Pão.

3. Oração de Abertura

Senhor Jesus, Palavra viva do Pai, Silêncio que fala mais do que mil vozes, nós nos colocamos diante de Vós, como comunicadores frágeis, como corações barulhentos que desejam escutar... Fala, Senhor, pois Vossos servos estão atentos. E se quereis silenciar, que Vosso silêncio nos diga o essencial. Queremos aprender convosco a mansidão da Palavra certa, a esperança que se comunica com gestos e a paz que evangeliza até no olhar. Fazei-nos Vossas testemunhas da Esperança, nos lares, nas redes, nos púlpitos e nas praças digitais deste mundo cansado. Amém.

4. Leitura Bíblica

1 Pedro 3,15-16:

“Santificai Cristo como Senhor em vossos corações, estando sempre prontos a responder, com mansidão e respeito, a todo aquele que vos pedir razão da esperança que há em vós.”

Comunicar a fé é como acender uma vela em noite escura. Não se grita uma luz. Não se impõe um clarão. A luz simplesmente é. E a esperança, quando é verdadeira, não precisa de megafone – ela se torna visível na forma como amamos, ouvimos, suportamos, servimos, calamos e voltamos a falar. Hoje, Senhor, ensinaí-nos a comunicar com mansidão. A mansidão de quem viu o túmulo vazio, e agora já não precisa provar nada: só anunciar...

5. Meditação

Deus comunica porque ama.

O primeiro a falar é o Pai. Disse ‘Faça-se!’ e tudo começou. E quando quis revelar seu coração, não enviou um livro, uma ideia, uma nuvem. Enviou um Filho, feito carne. Deus comunicou-se em forma de gente.

Silêncio. Um refrão meditativo:

*Ó, belíssimo esposo
Mais belo que todos os homens
Santo, Santo és Tu!
Belíssimo esposo
Esconde-me em Teu lado aberto
Em Tua chaga de amor, de amor!*

Jesus escutava o coração dos homens.

A mulher samaritana, o cego de Jericó, Nicodemos à noite, Pedro em prantos... Ele escutava. Mesmo quando não falavam. Mesmo quando o grito era o silêncio. Ensinaí-nos, Jesus, a escutar mais do que responder.

Silêncio. Um refrão meditativo:

*Ó, belíssimo esposo
Mais belo que todos os homens
Santo, Santo és Tu!
Belíssimo esposo
Esconde-me em Teu lado aberto
Em Tua chaga de amor, de amor!*

O Espírito Santo dá voz à Igreja.

No dia de Pentecostes, todos falavam... mas o milagre não foi falar em línguas, e sim ser compreendidos. Hoje, em meio a tantos ruídos, dai-nos, Espírito Santo, palavras com alma, mensagens que gerem comunhão.

Silêncio. Um refrão meditativo:

*Ó, belíssimo esposo
Mais belo que todos os homens
Santo, Santo és Tu!
Belíssimo esposo
Esconde-me em Teu lado aberto
Em Tua chaga de amor, de amor!*

A Eucaristia é a comunicação suprema.

Aqui está o Corpo entregue, a Palavra que se cala no pão, o Verbo que se faz presença. Aqui está o maior post, o mais sublime pronunciamento de Deus: 'Isto é o meu Corpo, dado por vós'.

Silêncio. Um refrão meditativo:

*Ó, belíssimo esposo
Mais belo que todos os homens
Santo, Santo és Tu!
Belíssimo esposo
Esconde-me em Teu lado aberto
Em Tua chaga de amor, de amor!*

6. Preces

Celebrante: Diante de Vós, ó Cristo, Verbo eterno do Pai, Sacramento do Amor e Fonte da Verdade, nós Vos adoramos com profundo respeito e Vos suplicamos com confiança filial. Escutai, Senhor, as súplicas do Vosso povo que Vos adora.

Todos:

Fazei de nós comunicadores da Vossa Esperança, Senhor.

Senhor Jesus, que viestes ao mundo como Palavra encarnada, ensinaí-nos a Vos proclamar com humildade, a Vos viver com inteireza e a Vos anunciar com mansidão.

Quando nossos lábios forem tentados ao julgamento, à murmuração ou à superficialidade, concedei-nos a graça do silêncio reverente e da palavra que edifica.

Pelos comunicadores de Vosso Evangelho — jornalistas, agentes de pastoral, evangelizadores digitais —, concedei-lhes discernimento e coragem para serem arautos da verdade e da paz.

Por aqueles que vivem mergulhados na desinformação, na confusão e no desespero, concedei-lhes o encontro com testemunhas vossas que comuniquem com doçura e verdade.

Pelos que anunciam com gestos silenciosos: as mães que embalam, os avós que transmitem, os catequistas que formam, os irmãos que servem sem alarde — que sejam vossos verdadeiros comunicadores.

Quando nos faltar o gosto pela escuta e nos dominarem o imediatismo e a vaidade, recordai-nos que a comunicação cristã nasce da escuta de Vosso Coração e do desejo de salvar.

Pela Vossa Igreja, ó Cristo, para que jamais se afaste de sua missão de anunciar com fidelidade, servir com ternura e comunicar com esperança, mesmo em meio às tempestades deste mundo.

Celebrante: Acolhei, ó Cristo, estas preces que Vos apresentamos com fé ardente, e concedei-nos a graça de sermos anunciadores da Vossa Palavra, instrumentos da Vossa paz e testemunhas da esperança que em Vós depositamos. Vós que viveis e reinais com o Pai, na unidade do Espírito Santo, por todos os séculos dos séculos.

Todos: Amém.

7. Bênção do Santíssimo Sacramento

Tão sublime Sacramento
adoremos neste altar,
pois o Antigo Testamento
deu ao Novo o seu lugar.
Venha a fé por suplemento
os sentidos completar.

Ao eterno Pai cantemos
E a Jesus, o Redentor,
Ao Espírito exaltemos,
a Trindade eterno amor.
Ao Deus Uno e Trino demos
a alegria do louvor.
Amém!

V. Do céu lhes destes o pão.

R. Que contém todo o sabor. **(T.P. Aleluia)**

Sacerdote ou Diácono: OREMOS. Deus, que neste admirável Sacramento, nos deixastes o memorial da Vossa Paixão, concedei-nos tal veneração pelos sagrados mistérios do Vosso Corpo e Vosso Sangue, que experimentamos sempre em nós a Sua eficácia redentora. Vós que viveis e reinais pelos séculos dos séculos.

Todos: Amém.

(Segue-se a bênção do Santíssimo)

ATO DE LOUVOR

- Bendito seja Deus.
- Bendito seja o Seu Santo Nome.
- Bendito seja Jesus Cristo, verdadeiro Deus e verdadeiro Homem.
- Bendito seja o Nome de Jesus.
- Bendito seja o Seu Sacratíssimo Coração.
- Bendito seja o Seu Preciosíssimo Sangue.
- Bendito seja Jesus no Santíssimo Sacramento do Altar.
- Bendito seja o Espírito Santo Paráclito.

- Bendita seja a grande Mãe de Deus, Maria Santíssima.
- Bendita seja a sua santa e Imaculada Conceição.
- Bendita seja a sua gloriosa Assunção.
- Bendito seja o Nome de Maria, Virgem e Mãe.
- Bendito seja São José, seu castíssimo esposo.
- Bendito seja Deus nos Seus Anjos e nos Seus Santos.

Deus e Senhor nosso, protegi a Vossa Igreja, dai-lhe santos pastores e dignos ministros. Derramai as Vossas bênçãos sobre o nosso Santo Padre, o Papa; sobre o nosso (Arce)Bispo, sobre o nosso Pároco, sobre todo o clero, sobre o chefe da Nação e do Estado, e sobre todas as pessoas constituídas em dignidade, para que governem com justiça. Dai ao povo brasileiro paz constante e prosperidade completa. Favorecei, com os efeitos contínuos de Vossa bondade, o Brasil, este (arce) bispado, a paróquia em que habitamos, a cada um de nós em particular e a todas as pessoas por quem somos obrigados a orar, ou que se recomendaram às nossas orações. Tende misericórdia das almas dos fiéis que padecem no purgatório; dai-lhes, Senhor, o descanso e a luz eterna.

Pai nosso.
Ave Maria.
Glória ao Pai.

Silêncio final. Tudo o que não foi dito... Ele ouviu.

8. Envio

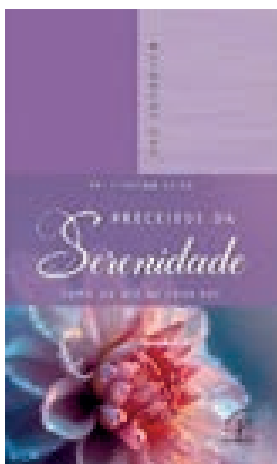
Voltamos às nossas realidades, mas levamos conosco o brilho do Vosso olhar, Senhor. Fazei de cada palavra nossa um pequeno Evangelho, de cada gesto nosso, uma homilia viva. E quando for preciso, dai-nos a mansidão do silêncio, que também é forma de comunicar a Esperança. Amém.

DICAS DE LEITURA

Os livros também nos ajudam a saborear a espiritualidade da mensagem que o Papa Francisco oferece às nossas comunidades no Dia Mundial das Comunicações. Cada obra deve ser lida com mansidão, ou seja, com respeito, empatia e compaixão. Esse modo de proceder é imprescindível em um mundo onde a comunicação muitas vezes é desonesta e destrutiva.

Nosso querido Francisco também enfatiza que a esperança cristã é uma pessoa, Jesus Cristo, devendo ser compartilhada com os irmãos e irmãs de forma credível e autêntica.

Para isso, indicamos livros como sugestão para viver de modo cultural os temas mansidão e esperança. Boa leitura!



Preceitos da serenidade

Editora: PAULINAS

Autor(es): Cleiton Viana da Silva

A serenidade é caracterizada pela ausência de perturbações ou agitações. É sinônimo de mansidão e ordem; denota paz e tranquilidade de espírito. Enfim, ter serenidade é um dos meios para viver melhor em uma rotina complicada e até estressante. Com calma, tranquilidade e paz de espírito, somos capazes de resolver todas as atividades e pendências diárias. Para ajudar nesta tarefa, este pequeno livro oferece algumas meditações sobre os “Preceitos da serenidade” - um decálogo escrito pelo Papa João XXIII, muito atual e que pode alegrar a nossa vida pessoal e a nossa renovação espiritual. É o que buscamos a cada dia de nossa vida: um pouco de serenidade.



Exortação Apostólica “Gaudete et Exsultate Alegrai-vos e exultai”

Edições Loyola/ Autor: Papa Francisco

A terceira Exortação Apostólica do Papa Francisco tem como título *Gaudete et exsultate* (Alegrai-vos e exultai), e trata do chamado universal à santidade no mundo contemporâneo. Como o próprio Papa diz, esse documento não tem a pretensão de ser um “tratado sobre a santidade, com muitas definições e distinções que poderiam enriquecer esse tema importante, ou com análises que se poderiam fazer acerca dos meios de santificação”. Em vez disso, o “objetivo humilde” do Papa Francisco é o de “fazer ressoar mais uma vez o chamado à santidade, procurando encarná-lo no contexto atual, com os seus riscos, desafios e oportunidades”. Em seus 177 parágrafos, distribuídos ao longo de cinco capítulos, a Exortação oferece aos leitores indicações preciosas para trilhar o caminho da santidade delineado pelo próprio Jesus em suas “Bem-aventuranças”. Nesse sentido, a santidade se torna perceptível na simplicidade e cresce nos “pequenos gestos”, muitas vezes presentes naqueles “que vivem perto de nós e são um reflexo da presença de Deus”.



Novena da Esperança

Editoras: PAULINAS e Edições Loyola
Autor(es): Pedro Rubens F. de Oliveira

A novena a Nossa Senhora da Esperança quer ser uma forma de caminhar com Maria, renovando nossa esperança em uma humanidade nova. Somos convidados a rezar a novena uma vez por mês, sempre no dia 25 de cada mês ou em data próxima, começando com a Anunciação e chegando ao Advento. Ao fazer esse exercício espiritual, reunidos em nossas famílias e comunidades de fé, de forma presencial ou virtual, nos apartamentos ou nas periferias, nas comunidades do interior ou na cidade grande, possamos gestar em nós a esperança messiânica do Reinado de Deus, andando passo a passo com Maria, Nossa Senhora da Esperança.



Cartas da tribulação
Editora: PAULINAS
Autor(es): Papa Francisco

Diz o Papa Francisco: “Sinto que o Senhor me pede para compartilhar de novo As cartas da tribulação. Compartilhá-las com todos os que sentem que o que querem - no meio da confusão que o pai da mentira sabe semear em suas perseguições - é lutar bem. Livres desse vitimismo ao qual é tentador render-se. Estas “Cartas” são - foram para muitos em momentos particulares de suas vidas - verdadeira fonte de mansidão, coragem e lúcida esperança”. Estas cartas e as reflexões que as acompanham são relevantes para compreender como Bergoglio sente que deve agir como sucessor de Pedro, quer dizer, como Francisco. São palavras que ele diz hoje à Igreja, repetindo-as, antes de mais nada, a si mesmo. E, sobretudo, são palavras que o Papa considera fundamentais para que a Igreja esteja hoje em condições de enfrentar tempos de desolação, de perturbação, de polêmicas falsas e antievangélicas.



Esperança apesar do mal
Editora: PAULINAS
Autor(es): Andrés Torres Queiruga

Esperança apesar do mal, nasceu das três palestras que fez o autor na abertura da Conferência do Episcopado Colombiano, em 2004. Daí a síntese em três capítulos. O primeiro capítulo - “Elpidologia: a esperança como existencial humano”. O objeto do segundo capítulo: “A estrutura fundamental da esperança bíblica”. O terceiro capítulo: “A realização da esperança: o mal a partir da cruz e da ressurreição” - tenta encarar as dificuldades que se enfrentam na vida dos indivíduos e na história dos povos.



Um toque de esperança
Editora: Paulinas
Autor(es): Cecília Prezioso

A obra oferece uma compilação de mensagens escritas pela autora em diferentes ocasiões e que visam despertar a serenidade, a esperança, a alegria e o entusiasmo necessários para seguir caminhando ou ter coragem de mudar de rumo. São textos poéticos e singelos, que falam da alegria da convivência, do bem que faz o amor familiar, da necessidade de se ter fé e esperança, especialmente nos momentos difíceis, em que nossas metas parecem inatingíveis, a falta de confiança nos torna hesitantes ou a dor nos enfraquece o espírito.



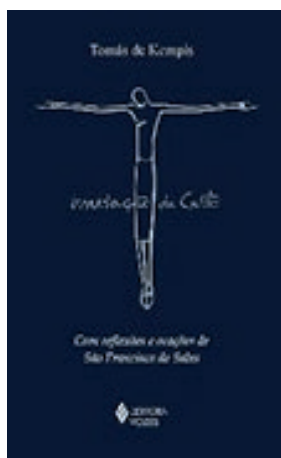
Fé, Esperança e Caridade
Itinerário Rumo a Deus Para o Mundo Atual
Paulus Editora
Autor(a): Raniero Cantalamessa

O itinerário para Deus é sustentado pelo exercício das três virtudes teologais: fé, esperança e caridade. Mas como podemos entender e viver adequadamente essas virtudes no mundo moderno? Em Fé, Esperança e Caridade, o pregador da Casa Papal, cardeal Raniero Cantalamessa, utiliza uma estrutura litúrgica para nos levar mais profundamente à prática das virtudes teologais. Desenvolvendo uma série de sermões proferidos na presença do papa João Paulo II em 1992 e do papa Francisco em 2022, o cardeal Cantalamessa abre uma jornada espiritual para Belém em curtos trechos diários nas pegadas dos Magos. Baseando-se na tradição antiga enquanto enfrentamos os desafios existenciais da era atual, essas reflexões encorajam todos nós — Magos modernos do Ocidente — a depositar nossos dons diante do Grande Rei: fé, esperança e caridade.



Papa Francisco - A Esperança Cristã
Paulus Editora
Autor(a): Papa Francisco

A coleção Catequeses do Papa Francisco reúne os discursos do Santo Padre proferidos nas audiências gerais, toda quarta-feira, no Vaticano. Com linguagem simples e profunda, o Papa percorre temas importantes para a vida da Igreja no mundo de hoje. Neste volume, foram reunidas todas as catequeses sobre a esperança cristã, a qual, junto com a fé e a caridade, forma o tripé das virtudes teologais.



Imitação de Cristo
Editora Vozes
Autor: Tomas De Kempis

Comentada por São Francisco de Sales, é uma das obras mais difundidas da espiritualidade cristã. É por ela que a espiritualidade moderna ganha seu florescimento, com decisivos traços psicológicos, preocupada sobretudo em discernir os movimentos da alma que busca seguir a Jesus Cristo. A obra traduz uma pedagogia religiosa sinalizada pelo caminho da vida interior.



Como encontrar o céu na terra
Editora Vozes
Autora: Elisabete da Trindade

Nesta obra, Elisabete da Trindade nos guia na busca pela presença divina em nossas vidas diárias. Com reflexões que ecoam nos desafios espirituais contemporâneos, este livro oferece uma proposta renovadora para quem deseja encontrar a verdadeira morada de Deus dentro de si e viver em plena comunhão com o divino.



No fim, o início - Breve tratado sobre a esperança
Edições Loyola
Jürgen Moltmann

O autor coloca no centro deste pequeno tratado da esperança os três inícios de nossa vida: nascimento, renascimento e ressurreição. Destaca, assim, as chamadas “últimas coisas”, não como discurso teológico abstrato, mas como discurso especificamente direcionado para a vida humana individual.

DICAS DE FILMES

O tema do Dia Mundial das Comunicações Sociais 2025, “Partilhai com mansidão a esperança que está nos vossos corações” (1Pd 3, 15-16). Neste ano, o Papa Francisco convida os fiéis a refletirem sobre a importância da comunicação na disseminação da esperança cristã.

Para ajudar a aprofundar a mensagem, indicamos títulos de filmes que podem ajudar as equipes de comunicação das comunidades e paróquias a dinamizarem a reflexão, buscando perceber de que forma a mansidão e esperança estão presentes nestas produções.

O Violino do Meu Pai (2022): Uma menina órfã estreita laços com o seu tio, um violinista de sucesso, mas emocionalmente reservado, através da dor e da paixão pela música. Embora não seja baseado em uma história real, é uma trama muito humana e vale ser visto. O longa está na Netflix.

Perdoai-nos as nossas ofensas (2022): Curta metragem de 14 minutos. Na década de 1930, o nazismo se espalha pela Europa e aterroriza milhões de vidas. Durante os tempos sombrios, um garotinho (Knox Gibson) do ensino fundamental possui uma deficiência física no braço direito se torna alvo dos nazistas. Para sobreviver à perseguição constante, ele precisa tomar uma decisão de grande risco. Disponível na Netflix.

Mãos Talentosas – A história de Bem Carson (2009): O longa conta a história real de Bem Carson (Cuba Gooding Jr), que nasceu em Detroit e teve uma infância repleta de preconceito e sem perspectiva. Devido ao incentivo de sua mãe, ele não desistiu dos estudos e conseguiu se formar em medicina. O neurocirurgião é um dos médicos mais conhecidos do mundo. Disponível na Netflix.

Lucas, um Intruso no Formigueiro (2006): Fartas dos ataques de um garoto, algumas formigas decidem encolhê-lo para que ele trabalhe em sua colônia e lhe dê uma pequena lição. Disponível na Max.

Tainá - Uma Aventura na Amazônia (2000): O filme conta as aventuras de uma jovem indígena órfã que vive com seu avô, o velho e sábio Tigê, em um recanto do Rio Negro, na Amazônia. Com Tigê, ela aprende as lendas e histórias de seu povo, convivendo intimamente com a floresta e seus animais. O filme encontra-se disponível na Netflix.

Uma Vida de Esperança (2024): Baseado em uma história real, o longa acompanha Sharon Steves, uma cabeleireira em dificuldades que encontra um renovado senso de propósito quando conhece um pai viúvo e suas duas filhas. Com o seu filho mais novo gravemente doente e à espera de um transplante de fígado, a mulher feroz reúne uma comunidade inteira para ajudar. Disponível no Amazon Prime Vídeo.

Preciosa: Uma História de Esperança (2009): Claireece “Preciosa” é uma adolescente de 16 anos que sofre uma série de privações durante sua juventude. Instintivamente, Preciosa vê uma chance de mudar de vida quando ela tem a oportunidade de ser transferida para uma escola alternativa. Sob a orientação firme e paciente de sua nova professora, Sra. Rain, Preciosa começa a viagem da opressão para autodeterminação. Disponível no Amazon Prime Vídeo.

O Pequeno Príncipe (2015): Este filme de animação é baseado no livro de Antoine de Saint-Exupéry e conta a história de um jovem príncipe que viaja pelo universo e aprende sobre a importância da mansidão e da amizade. Disponível no Amazon Prime Vídeo.

A História Sem Fim (1984): O garoto Bastian encontra um livro que fala sobre uma terra chamada Fantasia, um lugar onde a escuridão destrói tudo. Fantasia aguarda pela salvação, que virá de um humano exatamente igual a ele. O personagem de Atreyu, interpretado por Noah Hathaway, é um exemplo de mansidão e coragem. Disponível na Max.

A Lista de Schindler (1993): A inusitada história de Oskar Schindler, um sujeito oportunista, sedutor, “armador”, simpático, comerciante no mercado negro, mas, acima de tudo, um homem que se relacionava bem com o regime nazista. No entanto, apesar dos seus defeitos, ele amava o ser humano e assim fez o impossível, a ponto de perder a sua fortuna mas conseguir salvar judeus dos campos de concentração. O personagem de Oskar Schindler, interpretado por Liam Neeson, é um exemplo de mansidão e compaixão em relação aos judeus durante a Segunda Guerra Mundial. Disponível no Amazon Prime Vídeo.

O Pianista (2002): O personagem de Władysław Szpilman, interpretado por Adrien Brody, é um exemplo de mansidão e resiliência durante a Segunda Guerra Mundial. Disponível no Amazon Prime Vídeo.

A Vida é Bela (1997): O personagem de Guido Orefice, interpretado por Roberto Benigni, é um exemplo de mansidão e compaixão em relação ao seu filho durante a Segunda Guerra Mundial. Disponível na Netflix ou Amazon Prime Vídeo.

O Silêncio (2016): Século XVII. Dois padres jesuítas portugueses, Sebastião Rodrigues e Francisco Garupe, viajam até o Japão em uma época onde o catolicismo foi banido. À procura do mentor deles, Padre Ferreira, os jesuítas enfrentam a violência e perseguição de um governo que deseja expurgar todas as influências externas. Disponível no Amazon Prime Vídeo.

A Missão (1986): No final do século XVIII Mendoza, um mercador de escravos, fica com crise de consciência por ter matado Felipe, seu irmão, num duelo, pois Felipe se envolveu com Carlotta. Ela havia se apaixonado por Felipe e Mendoza não aceitou isto, pois ela tinha um relacionamento com ele. Para tentar se penitenciar Mendoza se torna um padre e se une a Gabriel, um jesuíta bem intencionado que luta para defender os índios, mas se depara com interesses econômicos.

PROPOSTAS LITÚRGICO - PASTORAIS PARA CELEBRAR O DMCS

• Sugestão de ambientação para a Santa Missa

Ambientação - Ao longo da história, os Papas sempre se referiram ao valor da comunicação e lembraram repetidamente que conhecer e ser informado é um direito fundamental do homem. Divulgar a palavra, a notícia, a imagem, o pensamento e a cultura é, antes de tudo, uma responsabilidade: **a de buscar e promover a verdade**. A Pastoral da Comunicação tem uma **“Importante obrigação moral, quanto ao bom uso dos meios de comunicação social”** e uma missão fundamental na Igreja, que é anunciar a palavra de Deus.

Sugestões de preces para Santa Missa

Oração dos Fiéis

1. Que Carlo Acutis seja exemplo e inspiração na Pastoral da Comunicação, **rezemos ao Senhor.**
2. Que a Pascom possa favorecer o cultivo do ser humano enquanto pessoa que comunica valores que são vivenciados a partir da Palavra de Deus, **rezemos ao Senhor.**
3. Senhor, concedei-nos a graça de utilizar os meios de comunicação social, para manifestação de vossa glória, **rezemos ao Senhor.**
4. Senhor, pedimos que a Pastoral da Comunicação possa se colocar a serviço de todas as pastorais para dinamizar suas ações comunicativas, **rezemos ao Senhor.**

• Sugestão de rito de apresentação da equipe PASCUM Paroquial após a homilia

Para a 59ª edição do Dia Mundial das Comunicações Sociais, o saudoso Papa Francisco escreveu sua mensagem com o seguinte apelo: “Partilhai com mansidão a esperança que está nos vossos corações “A mensagem representa para nós, pasconeiros e pasconeiras, comunicadores católicos, o combustível para seguir a nossa missão de levar sempre a esperança nas comunicações. Inspirados pelas sábias palavras do saudoso Papa Francisco, queremos apresentar a Equipe PASCUM...”

• Rito de Compromissos do Comunicador Católico

*Partilhai com mansidão a esperança que está nos vossos corações.
(1 Pedro 3, 15-16)*

Irmãos e irmãs, estamos reunidos hoje como comunicadores a serviço do Evangelho. Nosso chamado vai além da técnica — é missão.

Iluminados pela Palavra de Deus, assumimos o compromisso de anunciar com coragem, mansidão e respeito, conforme nos ensina a Sagrada Escritura.

À luz desse chamado, eu vos convido a proclamar publicamente os compromissos que assumimos como comunicadores católicos:

Profissão de Compromissos

Comprometeis-vos a manter Cristo no centro da vossa comunicação, tornando-o conhecido com alegria e fidelidade?

Comunicadores (respondem de pé): Sim, eu me comprometo.

46

Comprometeis-vos a escutar com atenção, discernir com sabedoria e comunicar com responsabilidade, sendo instrumentos da paz e da verdade?

Comunicadores: Sim, eu me comprometo.

Comprometeis-vos a viver a caridade na comunicação, respeitando o outro mesmo nas diferenças, e sendo presença de esperança onde houver dor ou silêncio?

Comunicadores: Sim, eu me comprometo.

Comprometeis-vos a crescer na espiritualidade e na formação contínua, para que vossa missão seja testemunho coerente do Evangelho?

Comunicadores: Sim, eu me comprometo.

Oração (todos juntos):

Senhor, somos teus comunicadores.

Dá-nos olhos para ver com compaixão, ouvidos para escutar com o coração, voz para anunciar com coragem e mãos para servir com amor.

Que nossas palavras e ações comuniquem sempre a tua Verdade.

Amém.